

A REVOLTA DO CORPO EM ARTAUD: CRUELDADE, CORPO SEM ÓRGÃOS

*Flávia de Bastos Ascenço Soares¹
Domenico Uhng Hur²*

RESUMO

Este artigo busca examinar a revolta do corpo sob a perspectiva de Antonin Artaud, para discutir sua proposta de desencarceramento. Realizamos uma cartografia bibliográfica em toda obra do autor publicada em português. Verificamos que existem duas configurações de uma mesma máquina abstrata: uma primeira que abarca a ideia de crueldade, a qual visa o rompimento com a organização produtiva dos corpos; uma segunda que trata da criação de um corpo sem órgãos, que seria uma permanente busca por intensidades. Concluímos que a revolta do corpo ocorre via essas duas configurações, e que funciona como um combate real de desconstrução de nós mesmos. Opera uma crítica ao fatalismo provocado pela organização produtiva dos corpos, visando um mergulho nas forças intensivas e criadoras de múltiplas realidades.

PALAVRAS-CHAVE: *Corpo, revolta, esquizoanálise.*

¹ Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia - PPGP da Universidade Federal de Goiás. Possui Licenciatura em Artes Cênicas pela Escola de Música e Artes Cênicas - EMAC da Universidade Federal de Goiás - UFG. Graduanda em Psicologia pela Pontifícia Católica de Goiás – PUC/GOIÁS. É atriz, pesquisadora e produtora do LABORATORI - Núcleo Multidisciplinar de Pesquisa nas Artes da Cena. Brasil. E-mail: flaviabasoares@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0001-7653-8091>

² Doutor em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo (USP), com estágio doutoral na Universitat Autònoma de Barcelona/Catalunya, e pós-doutoral na Universidad de Santiago de Compostela/Espanha. Professor associado de Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Goiás (UFG). Brasil. E-mail: domenico@ufg.br. <http://orcid.org/0000-0002-6766-7024>

THE BODY REVOLT IN ARTAUD: CRUELTY, BODY WITHOUT ORGANS

ABSTRACT

This article seeks to examine the rebellion of the body from the perspective of Antonin Artaud, to discuss his proposal for extrication. We carry out a bibliographic cartography in every work of the author published in Portuguese. We found that there are two configurations of the same abstract machine: a first that encompasses the idea of cruelty, which aims to break with the productive organization of bodies; a second that deals with the creation of a body without organs, which would be a permanent search for intensities. We conclude that the body's revolt occurs via these two configurations, and that it works as a real combat of deconstruction of ourselves. It criticizes the fatalism caused by the productive organization of bodies, aiming at a dive into the intensive and creative forces of multiple realities.

KEYWORDS: *Body, revolt, schizoanalysis.*

*Espero que não me queira mal e que me compreenda
Tenho certeza de que há em você uma raiva da vida
num tempo que torna impossível a vida desses que
se dão conta da vida.*

Quando ninguém nunca soube do que se tratava.

*Os tempos aproximam cilindros a óleo sobre os
quais realmente se lança fogo. E isso não são
palavras jogadas ao vento, mas realmente carne
grelhada, enegrecida no fogo da vizinhança. Talvez
um dia desses você acenderá um cilindro de óleo
não muito longe de mim [...].*

Antonin Artaud

O corpo humano não é apenas uma estrutura orgânica/física, mas resultado de diversas forças, relações e circunstâncias que o acometem todos os dias. Antonin Artaud foi ator, poeta, diretor teatral, dramaturgo e criador do Teatro da Crueldade, - a temática do corpo em estado de revolta ocupa um grande espaço em suas discussões, tornando-se um dos seus maiores interesses nos últimos anos da sua vida – aquele que o impulsionou a um processo constante em busca de refazer-se. Diz o autor: “Não existe o cosmos e cada homem é seu próprio mundo sozinho”, ou seja: “Cabe-lhe, portanto, a sua iniciação fazendo-se viver”. Para ele, aquele que “não quer iniciar-se a si próprio não encontrará outro que o faça” (ARTAUD, 2017b, p. 127).

O desafio que nos é imposto por meio dos seus escritos é um ato de revolta contra o encarceramento do corpo³, ou ainda, é ver o “homem em rebelião contra a fatalidade, negando-se a sofrê-la passivamente, revoltado, criando em função dessa revolta” (ARTAUD, 1993b, p. 57). Visando entender a estratégia de Artaud – o de lançar-se nesse movimento de revolta, que desorganiza os fluxos que compõem os corpos –, o objetivo deste artigo é cartografar a revolta do corpo na obra de Antonin Artaud, para discutir qual é o diagrama de forças – a máquina abstrata proposta por Artaud – que possibilita o desencarceramento do corpo.

Por diagrama de forças, compreendemos um mapa dinâmico das relações de forças, a configuração de uma espécie de movimento que toma a conformação de uma máquina abstrata – cujo motor está conectado a uma pluralidade de movimentos sem

³ Temática discutida no texto “O corpo encarcerado na obra de Antonin Artaud” (SOARES; HUR, 2017).

identidade e sem lei. “Operam no diagrama os vetores de forças em movimento, fluidos e não estratificados” (HUR, 2015, p. 160). Por conseguinte, “o diagrama opõe-se a estrutura, pois suas [...] alianças tecem uma rede flexível e transversal [...] definem uma prática, um procedimento ou uma estratégia, distintos de toda combinatória, e formam um sistema físico instável, em perpétuo desequilíbrio, em vez de um círculo fechado de troca” (DELEUZE, 1988, p. 45).

Para Deleuze (1988), o diagrama é “a apresentação das relações de força que caracterizam uma formação; é a repartição dos poderes de afetar e dos poderes de ser afetada; é a mistura das puras funções não-formalizadas e das puras matérias não-formadas” (p. 80). Assim, pensamos o diagrama por intermédio da proposta de uma revolta ativa do corpo – um movimento de desacoplagem do corpo a um meio social, em que se derrubam a condição e o mito criado sobre um corpo eficiente, dócil e útil, organizado para a sociedade. O corpo que outrora se encontrava encarcerado pelos dualismos cartesiano e metafísico/religioso, como também pelo organismo, agora rompe com os eixos que o sedimentam para criar diferentes níveis de intensidades.

Para tanto, realizamos uma cartografia bibliográfica (HUR, 2018) em toda obra do autor publicada em português. Investigamos os textos distribuídos em diversas edições (1972, 1981, 1985, 1986, 1987, 1988, 1991, 1993, 2004, 2006, 2014, 2017), tratando-se de artigos, cartas, depoimentos, ensaios, poemas, manifestos, transcrição de palestras, peças de teatro etc., em que buscamos mapear e captar as escritas artaudianas que se referem à revolta do corpo, para poder assim discutir esse fenômeno.

A lente teórica que conduz à análise dos escritos artaudianos é a Esquizoanálise, criada por Gilles Deleuze e Félix Guattari. Acredita-se que a referência vinda da filosofia da diferença nos permite experimentar o pensamento de Artaud no que tange a revolta do corpo, visando articular suas palavras a movimentos que escapem à representação, evidenciando os efeitos e as forças que atuam sob seus escritos.

Optamos por citar diversos trechos de escritos de Artaud nesse artigo como forma de visibilizar sua verve e intensidades relacionadas à revolta desse corpo contra os estratos opressores e despotencializadores da vida. Nesse sentido, a seguir, tratamos

de duas temáticas principais que expressam seu diagrama de forças instituinte e insurgente: a crueldade e o Corpo sem Órgãos.

Crueldade

Este estado de coisas em que vivemos e que deve ser destruído, destruído com aplicação e maldade, em todos os planos e em todos os níveis.

Antonin Artaud

Constata-se que Antonin Artaud desejava “uma obra nova que fixasse certos pontos da vida orgânica”, que “pudesse lesar o gosto, a moral, os bons costumes, a vontade de honra” e incitar o desejo para “uma mudança CORPORAL”. O artista pontua que será preciso uma “vontade de uma espécie de glória”, que, “pela voz, tambores e xilofonias”, todas as individualidades “façam corpo” (ARTAUD, 2017c, p. 164-165).

Para combater a inércia, Artaud dedicou-se a exaustivos processos de experimentação, nos quais almejava uma revolução humano-corporal – antes de mais nada, em seu próprio corpo –, ampliando e afirmando a sua potência de existir. Essa intensa prática visava “captar e irradiar certas forças”, criando e expandindo a vida no corpo, estabelecendo assim, no corpo humano, “seu trajeto material de órgãos e *nos órgãos*” (ARTAUD, 2006g, p. 153). Um trajeto de profunda desconstrução das referências codificadas no corpo, onde o objetivo era dar lugar a uma experiência vital. Entre as fissuras abertas pelo dramaturgo em seus escritos, destacamos a proposta que funciona como uma espécie de dinâmica afetiva, na qual se estabelece um ponto de contato entre a potência do corpo de afetar e ser afetado.

Para o poeta, a crueldade fez-se necessária por estarmos vivendo um permanente estado de corpo. No seu ponto de vista, é possível observarmos “os sinais indicadores de que o que nos mantinha vivos já não se mantém, de que estamos todos loucos, desesperados e doentes. E eu nos convido a reagir” (ARTAUD, 2006b, p. 87). Esse permanente estado de corpo é efeito dos automatismos que o corpo humano sofre ao ser inserido na sociedade.

Nesta perspectiva, o corpo passa por um processo de encarceramento de toda singularidade, intensidade e multiplicidade, para se acoplar a um modo de organização e produção, onde o foco é sempre chegar a um determinado fim (SOARES; HUR, 2017). “Daí o apelo à crueldade e ao terror” (ARTAUD, 2006c, p. 97), como uma possibilidade de reconquista do corpo enquanto potência ativa do homem, opondo-se aos reducionismos e instrumentalização da vida.

Para Artaud (1983), não podemos conformar-nos com esses estados de corpo, restringindo-nos das diversas possibilidades de uma vida expansiva. Em seus escritos, ele nos convida a conhecer o jogo de forças que compõe nosso corpo, para expandi-las até sua ruptura – “e foi então que eu fiz tudo explodir porque no meu corpo não se toca nunca (ARTAUD, 1983e, p. 159). É importante salientar que em uma proposta de desencarceramento do corpo e criação de si, é fundamental a “prudência como a arte das doses”, “como regra imanente à experimentação”, afinal, “o projeto nunca foi matar-se, mas abrir o corpo a conexões” (DELEUZE & GUATTARI, 1996, p. 20-21).

Nesta perspectiva, “O sistema da crueldade enuncia as relações finitas do corpo existente com forças que o afetam” (DELEUZE, 1997, p. 145), ou seja, propõe que sejamos capazes de “redescobrir em nós essas energias”, de estarmos frente a frente com nossas capacidades e possibilidades, num sentido mais amplo, que potencialize nossa existência (ARTAUD, 1983a). Entrarmos no “*campo de imanência do desejo, o plano de consistência própria do desejo*” (DELEUZE & GUATTARI, 1996, p. 14), ou ainda, redescobrir a força que reivindica a vida. E neste jogo de forças, o autor convida-nos a renunciar qualquer modelo prévio que separe o homem da sua capacidade de criar e metamorfosear a própria realidade. É o deixar de ser para vir a ser, um superar de si mesmo, abandonar os limites impostos (inclusive aqueles impostos por nós mesmos e para nós mesmos) e penetrar em uma zona até então desconhecida para nós.

A crueldade proposta por Artaud vai ao encontro de uma abertura do corpo para experimentar conexões outras, não mais enquanto um julgamento entre existentes, mas em termos de experimentação, de relações que podem se compor, aumentando a capacidade de agir no mundo. Ou ainda, encontros que nos façam “sentir se eles nos

convêm ou desconvêm, isto é, se nos trazem forças ou então nos remetem às misérias da guerra” (DELEUZE, 1997, p. 153).

No escrito "Acabar com as obras-primas" (2006b, p. 90), o autor incita-nos a renunciar ao “empirismo das imagens que o inconsciente carrega”. Compreendemos a crítica de Artaud acerca do “empirismo das imagens que o inconsciente carrega” como uma afirmação da existência de um modelo prévio de pensamento, que nos separaria da força ativa e nos colocaria em um tipo de pensamento/representação que nos afasta de qualquer possibilidade de expansão e criação, o que Deleuze (2006) posteriormente denomina como *imagem do pensamento*. Ou seja, o poeta combate tudo que direciona o nosso pensamento (seja consciente ou inconscientemente) a uma forma codificada de pensar, de sentir e de perceber o mundo à nossa volta.

Sua luta está concentrada em um movimento inverso – ao invés de representarmos o mundo de maneira fixa e estática, precisamos destruir todas as conexões e discursos que nunca foram nossos, em um constante processo de experimentação e afirmação da vida. Para o dramaturgo, chegamos ao ponto em que se faz necessário que “as coisas arrebentem para se começar tudo de novo” (ARTAUD, 2006b, p. 83). Isto é, diluir a imagem do pensamento, acedendo à sua corrosão, ao seu movimento, que é o verdadeiro fluxo do pensar (DELEUZE, 2006).

A ação que leva ao arrebentar das coisas é o que Artaud chama de crueldade. Para ele, “tudo o que age é uma crueldade”, por isso, nos convida a agir (ARTAUD, 2006b, p. 96). Nessa direção, o artista afirma que “a criação e a própria vida só se definem por uma espécie de rigor, portanto de crueldade básica que leva as coisas a seu fim inelutável, seja a que preço for. O esforço é uma crueldade, a existência pelo esforço é uma crueldade” (ARTAUD, 2006c, p. 120). Entende-se que tudo precisa ser destruído, “com aplicação e maldade, em todos os planos e em todos os níveis em que ele atrapalha o livre exercício do pensamento” (ARTAUD, 2006d, p. 48).

De modo semelhante, Deleuze (1988) compreende tal movimento como “tornar-se senhor de sua velocidade, relativamente senhor de suas moléculas e de suas singularidades, essa zona de subjetivação: a embarcação como interior do exterior” (p. 130). O filósofo acredita que o mais importante em todo sistema da crueldade é o

visceral embate que se opõe ao juízo, possibilitando ao homem um mergulho nas “relações finitas do corpo existente”, relacionando-se “com forças que o afetam” (DELEUZE, 1988, p. 152).

Entretanto, Deleuze considera que a crueldade artaudiana não se refere apenas à destruição do juízo, ou de elementos cerceadores exteriores, é um método muito mais sublime e sofisticado. “Artaud dará ao sistema da crueldade desenvolvimentos sublimes, escrita de sangue e de vida” (DELEUZE, 1997, p. 145), avançando ainda mais nas possibilidades de combate frente os processos de encarceramento. Para isso, o poeta preconiza um confronto através de uma prática ativa, um mergulho em um processo de experimentação de si, no qual se torna possível criar a própria realidade. Deleuze (1997) aborda esse movimento de combate como um jogo de forças em que:

[...] esses combates exteriores, esses *combates-contra* encontram sua justificação em *combates-entre* que determinam a composição das forças no combatente. É preciso distinguir o combate contra o Outro e o combate entre Si. O combate-contra procura destruir ou repelir uma força (lutar contra “as potências diabólicas do futuro”), mas o combate-entre, ao contrário, trata de apossar-se de uma força para fazê-la sua. O combate-entre é o processo pelo qual uma força se enriquece ao se apossar de outras forças somando-se a elas num novo conjunto, num devir” (DELEUZE, 1997, p. 150).

Neste aspecto, podemos pensar na crueldade proposta por Artaud como um programa de intensidades, um processo de reconhecimento, tomar partido das forças que nos atravessam. Um combate que acontece não apenas no “contra”, mas também no “entre”, visando a composição de forças, que ascenderá no aumento da nossa potência de existir. Não apenas a raspagem e desconstrução, senão também a composição e circulação de forças. O intuito é que se experimente a ruptura, para que se abram novos clarões frente a existência, para que as forças possam irromper como um turbilhão. A crueldade a que Artaud se refere é uma espécie de “apetite de vida”, no sentido de um desejo gerador de potência e vida, algo que nos coloque “diante de todas as nossas possibilidades” (ARTAUD, 2006a). Em nossas palavras, a crueldade é como uma vontade arrebatadora, que jamais chega a um fim. Como uma força desejante, geradora de mais e mais vontade, em que se ultrapassam todos os limites do possível, inclusive na esfera dos sentidos.

Por isso que o poeta se liberta do uso e significado comum da palavra crueldade, para aplicá-lo no sentido de uma “necessidade implacável”, afirmando que a palavra crueldade deve ser “considerada num sentido amplo e não no sentido material e rapace que geralmente lhe é atribuído”. Artaud (2006f) reivindica “o direito de romper o sentido usual da linguagem, de romper de vez a armadura, arrebentar a golinha” (p. 118-119).

Para o autor a vida jamais deixa de desempenhar seu papel, e este “rigor e esta vida que continuam e se exercem na tortura e no espezinhamento de tudo, esse sentimento implacável e puro, é a crueldade” (ARTAUD, 2006e, p. 134). Para ele a vida é avassaladora, sua força nada teme, ao contrário, é dominante. E essa força impõe-nos mais força, e é aqui que encontramos novas possibilidades e múltiplos caminhos. Artaud (2006f) elucida essa força na forma de “consciência aplicada”, uma espécie de rigor absoluto, mencionando:

De fato, crueldade não é sinônimo de sangue derramado, de carne martirizada, de inimigo crucificado. Essa identificação da crueldade com os suplícios é um aspecto muito pequeno da questão. Na crueldade que se exerce há uma espécie de determinismo superior ao qual está submetido o próprio carrasco suplicador, e o qual, se for o caso, deve estar determinado a suportar. A crueldade é antes de mais nada lúcida, uma espécie de direção rígida, submissão à necessidade. Não há crueldade sem consciência, sem uma espécie de consciência aplicada. É a consciência que dá ao exercício de todo ato da vida sua cor de sangue, sua nuance cruel, pois está claro que a vida é sempre a morte de alguém (p. 118).

A crueldade, para Artaud, é como uma força ativa, que em si produz diversas realidades, ao mesmo tempo em que produz a si mesma. Ou seja, para o autor “as pessoas são imbecis. A literatura está esvaziada. Não existe mais nada nem ninguém, a alma é insana, não há mais amor, nem mesmo ódio, todos os corpos estão saciados; as consciências, resignadas” (ARTAUD, 1983j, p. 113). Por isso, a crueldade agiria como um sacolejar das forças, gerando movimento onde os corpos encontram-se saciados, criando novas perspectivas no lugar de consciências resignadas.

Na visão do poeta vivemos um permanente estado de corpo, perdemos a potência e o acontecimento, precisamos com urgência reencontrar a crueldade perdida em nossos dias – a potência ativa. Para o autor, “a boa saúde é uma abundância de endemias encurraladas, de um formidável desejo de vida com cem chagas corroídas

que, apesar de tudo, é preciso fazer viver" (ARTAUD, 2004b, p. 49). Ou seja, o que compreendemos como "boa saúde", no ponto de vista de Artaud, não passa de um processo infeccioso, o qual de um lado opera o "desejo de vida" e, do outro, a epidemia dessa infecção – que seria uma espécie de consentimento em relação ao mal que nos acontece. Para ele, todos nossos sentidos estão encurralados nesse processo infeccioso/civilizatório do Ocidente, e que ainda assim "é preciso fazer viver" (ARTAUD, 2004b, p. 49). Esse fazer viver que o autor menciona ocorreria mediante o reencontro do homem com sua força produtora de múltiplas realidades. Apenas por meio desse encontro é possível expandir-se, romper com esse estado de dormência em que nos encontramos.

Na obra "Van Gogh: o suicídio da sociedade", Artaud (2004b) menciona que "as paisagens exibem sua carne hostil, o amargo de suas entranhas arrebatadas" (ARTAUD, 2004b, p. 17), podemos entender que a crueldade não se faz necessária para o preenchimento de algo que nos falta. De modo contrário, a crueldade se faz necessária para nos tirar desse inferno – que é o sentimento da falta⁴. Ela é o que desperta nosso desejo de criar novas realidades, sacode os sentidos, movimenta as forças, e nos conduz a uma vida de multiplicidades metamorfoseantes. É a ação, o movimento da vida em nós, em que nada precisa ser preenchido, mas transbordado, arrebatado.

Vale ressaltar que existe uma ilusão de que temos a propriedade sobre nosso corpo, e é nessa perspectiva que o autor trabalha, afirmando que a crueldade se faz fundamental, pois "é a ação de abrir passagem através de um invisível muro de ferro, que parece interpor-se entre o que se sente e o que é possível realizar" (ARTAUD, 2004b, p. 36). Sendo assim, compreendemos que a crueldade contribui no processo de "atravessar esse muro, porque não adianta bater fortemente sobre ele, para conseguir é preciso corrê-lo lenta e pacientemente como uma lima" (ARTAUD, 2004b, p. 36). Não apenas demolição, mas nesse caso uma raspagem daquilo que bloqueia nossas intensidades.

⁴ O sentimento da falta para Artaud está relacionado à captura do nosso desejo, como potência absoluta de produzir existência e produzir realidades. Abordaremos esse sentimento mais adiante quando formos discutir o "Corpo sem órgãos".

Uma outra alusão encontrada acerca da crueldade está nos "Manifestos e cartas do período surrealista" (1983f), em que o autor afirma ter escolhido "o domínio da dor e da sombra assim como outros escolheram o do brilho e da acumulação da matéria". Diz ele: "Não trabalho na extensão de um domínio qualquer. Trabalho unicamente na duração" (ARTAUD, 1983f, p. 19-20). Compreendemos que, quando o poeta se refere à "duração", ele defende que contrariamente ao que nos é imposto externamente (imobilidade) – "acumulação da matéria" – é preciso estarmos atentos ao "domínio da dor e das sombras" – o domínio da sensibilidade, das sensações e explosões contínuas –, pois só quando observarmos essas sensações conseguiremos despertar para o que ele chama de duração. Portanto, ele enfatiza a questão da imanência de um plano das intensidades que é anterior ao plano das extensões, da matéria.

No escrito "Suicídio é uma solução?" (1983g), o dramaturgo afirma que a crueldade seria como um "suicídio anterior", ou, em suas palavras, o que "achariam de um suicídio anterior, de um suicídio que nos fizesse dar a volta, porém para o outro lado da existência, não para o lado da morte" (ARTAUD, 1983g, p. 23). Entendemos nessa passagem que o "suicídio anterior" se daria como um processo de desencarceramento do corpo, em que a luta travada das forças que nos aprisionam versus as forças que geram mais potência e visam a uma vida ativa se colidem. Essa colisão seria o "suicídio anterior", o que nos levaria para "o outro lado da existência" – ou, em nossas palavras, para o outro lado de uma vida miserável –, onde tomamos consciência dos processos que encarceram nosso corpo, reduzindo nossa potência de existir. Essa tomada de consciência agiria em nós como uma espécie de morte, mas não a morte como conhecemos popularmente – o cessamento das atividades biológicas –, mas um processo inverso – uma espécie de reconquista cruel da carne. Trata-se da volta para o outro lado, do que se passa no "entre" dessa volta – aquilo que desliza das estratificações do poder –, uma espécie de retomada de potência e vida.

Em "Um atletismo afetivo" (2006g), Artaud traz mais uma pista para o seu método, via manejo da respiração. Objetivando um manejo das forças afetivas, o poeta propõe que se desenvolva uma percepção aguçada dos fluxos respiratórios, buscando "alcançar as paixões através de suas forças em vez de considerá-las como puras

abstrações”, ou ainda, vasculhar no próprio corpo as variações quase imperceptíveis dos estados afetivos (ARTAUD, 2006g, p. 154). Para Artaud, trabalhar com a respiração implica uma verdadeira revolução corporal, um possível caminho para a reconquista de si, uma forma de estar vivo, libertando-se dos automatismos, expandindo-se e reconstruindo-se⁵.

No escrito "Heliogábalo ou o Anarquista coroado" (1983h, 1991), em uma tentativa de metamorfosear o mundo reavivando suas origens, Artaud cita o imperador Heliogábalo, que “abala a ordem estabelecida, as idéias, as noções convencionais das coisas”, se aproveita dessa “desordem, desse afrontoso relaxamento dos costumes, para transformar a obscenidade em hábito, expondo, publicamente, o que normalmente se esconde” (ARTAUD, 1983h, p. 45). O poeta afirma que Heliogábalo “pratica a anarquia em primeiro lugar contra si próprio e sobre si próprio”, e “a primeira anarquia está nele e assola seu organismo, lança seu espírito numa espécie de loucura precoce [...] Heliogábalo é o homem e a mulher” (ARTAUD, 1983h, pp. 34-35), enfim a atualização de um paradoxo e a desconstrução do senso comum. Nesse projeto, um dos principais temas abordados por Artaud é o combate entre o princípio masculino e o feminino e o desejo de dissolvê-los (ARTAUD, 1983h). A proposta de Artaud na primeira anarquia de Heliogábalo é a reflexão acerca da crueldade de ser mulher – é o escapar de uma sociedade criada por homens e para homens. É a busca pelo rompimento de todos os modelos previamente estabelecidos e reproduzidos durante séculos, para os quais, por intermédio de Heliogábalo, Artaud sugere um novo caminho – um novo corpo, assim constituído:

O homem e a mulher fundidos no sangue, a preço de sangue. Na guerra abstrata de Heliogábalo, na sua luta de princípios, na sua guerra de virtualidades, há sangue humano, não sangue abstrato, sangue irreal e imaginado, mas sangue verdadeiro, sangue jorrado e que pode voltar a jorrar; e Heliogábalo, mesmo não o tendo derramado na defesa do seu território, pagou com ele por sua poesia e suas idéias (ARTAUD, 1983g, p. 36).

⁵ Gregorio Barenblitt, o inventor do Esquizodrama, inspirado por Antonin Artaud, também utiliza dispositivos que manejam os processos respiratórios para a produção de outros platôs intensivos e alterações conscienciais (BAREMBLITT, 2019; BAREMBLITT; AMORIM; HUR, 2020). De certa forma, pode-se afirmar que o Esquizodrama é a atualização do Teatro da Crueldade no âmbito clínico.

O desejo de Artaud (1983g, p. 36) é ver “o homem e a mulher fundidos no sangue”, ou seja, romper com a forma estabelecida, com os padrões que modelam o ser homem – branco, alto, heterossexual, ocidental, trabalhador etc. – e dar abertura a novas intensidades. Nesse prisma, o poeta associa o feminino a algo “tonitruante e terrível como o uivo de um mastim fabuloso, atarracado como as colunas cavernosas, compacto como o ar murado nas abóbodas gigantes do subterrâneo” (ARTAUD, 1983h, p. 81).

Nesse pensamento, busca “experimentar um feminino terrível”, ou ainda um “grito da revolta pisoteada, da angústia armada para a guerra, da reivindicação”, como um “lamento de um abismo sendo aberto: a terra ferida grita, as vozes se levantam, profundas como o fundo do abismo e que são o fundo do abismo gritando” (ARTAUD, 1983i, p. 78). Entende-se que a proposta de Artaud – ao “experimentar um feminino terrível” –, encontra-se diretamente relacionada ao “Grito numa armadura de ossos. Caio num subterrâneo e não saio mais, nunca mais saio. Nunca mais no Masculino” (ARTAUD, 1983i, p. 81).

Nunca mais o modelo de homem branco, heterossexual, trabalhador e ocidental. “Entendam, há uma imagem inflamada de um massacre que alimenta minha guerra contra mim. Minha guerra é alimentada por uma guerra e cospe sua própria guerra” (ARTAUD, 1983i, p. 78). Sua guerra central era o rompimento com a forma do modelo de homem ocidental, propondo com ousadia a construção de um outro homem. Um homem que, durante seu processo de busca e compreensão acerca do mundo que vive, compreende-se a si mesmo.

Retomemos Heliogábalo para compreendermos melhor de que forma o artista busca romper com as formas estabelecidas e organizadas. Inicialmente, desfazendo-se da ideia de um corpo de homem heterossexual, ocidental, eficiente, dócil, útil e bom, para lançá-lo em um movimento de desacoplagem do meio social, em que é imprescindível a utilização do que ele chama de “crueldade aplicada”. Artaud (1983h) expõe o que, antes de mais nada, desejava:

Levar a poesia e a ordem a um mundo cuja existência é um desafio à ordem é trazer a guerra e a perpetuação da guerra, é levar a um estado de crueldade aplicada, é suscitar uma anarquia inominável, a anarquia das coisas e dos aspectos que se erguem antes de soçobrar novamente para se fundir na

unidade. Aquele que desperta essa perigosa anarquia é sempre sua primeira vítima. E Heliogábalo é um anarquista aplicado que começa devorando-se e acaba devorando seus excrementos (p. 36-37).

Seu projeto com Heliogábalo é a completa “destruição dos valores”, uma “monstruosa desorganização moral” (ARTAUD, 1983h, p. 44). Para Artaud (1983h) “este maravilhoso fervor na desordem que nada mais é que aplicação de uma ideia metafísica e superior de ordem” (p. 39). Com isso, percebemos que o jogo de “destruição dos valores” e “fervor na desordem” que o poeta menciona permeiam o objetivo de toda sua obra – abrir um campo de multiplicidades com infinitos desdobramentos da diferença nas esferas do corpo.

Artaud (1983h) aponta um ritmo “na crueldade de Heliogábalo”⁶, menciona que “este iniciado faz tudo com capricho e em duplicata. Nos dois planos”, onde “Cada gesto seu tem dois gumes” (p. 47). Apresenta-nos os dois gumes da seguinte forma:

Ordem, Desordem,
Unidade, Anarquia,
Poesia, Dissonância,
Ritmo, Discordância,
Grandeza, Puerilidade,
Generosidade, Crueldade (ARTAUD, 1983h, p. 47).

Compreendemos essa “duplicação” como uma forma de se insurgir e experimentar a vida. Trata-se de uma espécie de fenda nos processos, na qual o que anteriormente encontrava-se inerte e imóvel parte para uma zona de fluxos intermináveis – vida de múltiplas intensidades.

Corpo sem Órgãos

O homem que vive a sua vida nunca se viveu a si mesmo, nunca viveu seu si mesmo, como um fogo que vivifica todo um corpo na extensão integral do corpo, a força de consumir esse corpo, o homem não vive todo si mesmo a cada minuto de seu corpo [...] quero dizer que o que é o eu ou o si não está num eixo de percepção única, e o eu

⁶ Artaud só conseguia produzir qualquer coisa se fosse apaixonadamente, daí sua semelhança com o personagem por ele criado.

não é mais único porque ele está disperso no corpo em vez do corpo estar reunido sobre si mesmo numa igualdade sensorial absoluta [...] o homem não está derramado no seu corpo, ele está derramado no fora das coisas, como um morto esquecido de seu corpo e que nada em torno ao seu corpo porque esqueceu seu corpo e seu corpo o esqueceu, e o homem não se vive todo si mesmo comete a cada instante o erro de crer ser esse si mesmo.

Antonin Artaud

Escolhemos esta epígrafe para iniciar a discussão do corpo sem órgãos. Acreditamos que, mais que um conceito, é uma proposta de uma prática ativa, um processo, uma experimentação, uma pragmática, em que se possibilita criar a própria realidade: “É uma operação nas profundezas do grito orgânico e do sopro lançados onde passam todos os estados do sangue” (ARTAUD, 1993b, p. 66). Artaud (2017e) afirma que “o homem não está derramado no seu corpo, ele está derramado no fora das coisas, como um morto esquecido de seu corpo” (p. 115-116). Podemos compreender este “fora das coisas” como um processo ilusório. Estar derramado no fora das coisas fala de uma captura e produção de um outro corpo em nós. O que nos levou para o fora? Quem seria esse outro em nós?

Artaud discute o corpo humano como um corpo de potência, fala sobre um “tempo em que o homem era uma árvore sem órgãos nem função” (ARTAUD, 1988b, p. 105). Defende a ideia de que, quando retiramos do corpo sua potência de produzir a si mesmo, indica que algo vai bastante mal em nossa vida. Nessa perspectiva, iniciamos um processo de idealização, e à medida que idealizamos, perdemos a potência de produzir realidades, perdemos o acontecimento e, com isso, perdemos nosso corpo intensivo.

Entendemos como o fora das coisas a organização produtiva, onde a força do homem encontra-se derramada, levando o homem a não viver o “todo si mesmo”, cometendo o grande erro de acreditar “ser esse si mesmo”. Ou seja, esse corpo derramado no fora é um outro corpo criado em nós, e este corpo é o responsável por extrair a força do nosso corpo de potência para o controle da vida em si.

Estava eu justamente me colocando que é esse [...] falso corpo e eu me perguntava onde tinha começado, [...] desde antes dos seus primórdios, [...] nesse falso corpo, onde somos os antigos escravos de um eu, que nunca teve eu, senão que o afirmar diante de nós o nosso, em se ajudando com a nossa perda de corpo, já que viver é perder o seu corpo (ARTAUD, 2017d, p. 146).

Artaud (1988b, p. 108) trabalha sob a ótica da existência de um assujeitamento do desejo: uma submissão física do corpo, um investimento social.

Porque realmente o homem-árvore,
o homem sem função nem órgãos que lhe justifiquem a humanidade,
esse homem prosseguiu sob a capa do ilusório do outro,
a capa ilusória do outro,
prosseguiu na sua vontade mas oculta,
sem compromissos nem contacto com o outro (ARTAUD, 1988b, p. 108).

Dessa forma, o corpo humano estaria sob uma “capa do ilusório do outro”, ou em nossas palavras, o homem crê que a organização do corpo é o princípio do corpo. É contra essa ideia que Artaud se levanta e propõe a destruição da capa ilusória para se construir um corpo como potência ativa do homem, opondo-se aos instrumentos reducionistas, aos processos de docilização/adestramento do corpo e instrumentalização da vida. O poeta investe sua força em uma prática revolucionária, num caminho contrário ao investimento social, em que se objetiva a construção de um novo corpo, um corpo sem órgãos. Acredita que

[...] as deficiências nasceram entre o homem e o labor árido
Que era bloquear também o nada.
Em breve esse trabalho será concluído.
E a carapaça terá de ceder.
A carapaça do mundo presente.
Levantada sobre as mutilações digestivas de um corpo esquartelado em dez mil guerras (ARTAUD, 1988b, p. 109-110).

O poeta reflete sobre o processo de qualificação e criação de um corpo eficiente quando diz que “as deficiências nasceram entre o homem e o labor árido”. Acredita que, quando se estabelece a condição produtiva de um corpo, resta-nos “um corpo esquartelado em dez mil guerras”, e que nossa cumplicidade tem contribuído para a manutenção de “certas cavernas de forças defendidas pela humanidade inteira” (ARTAUD, 1988b, p. 109-110).

No plano do desejo, Artaud (2017a) acredita em “um mundo extraordinário onde o coração não poderá querer mais do que o espírito, ou seja, mais que o desejo [...] – O corpo (que é coração) não pode ser corpo se não sofreu um dia com todo o mal do espírito” (p. 109). Deleuze e Guattari (2011) assim definem o desejo:

[...] esse conjunto de sínteses passivas que maquinam os objetos parciais, os fluxos e os corpos, e que funcionam como unidades de produção. O real decorre disso, é o resultado das sínteses passivas do desejo como autoprodução do inconsciente. Nada falta ao desejo, não lhe falta o seu objeto. É o sujeito, sobretudo, que falta ao desejo, ou é ao desejo que falta sujeito fixo; só há sujeito fixo pela repressão. [...] Sabemos bem donde vem a falta – e o seu correlato subjetivo, o fantasma. A falta é arrumada, organizada, na produção social (p. 43-45).

Com base nessa citação, constata-se que o corpo se encontra submetido a um equívoco em torno do desejo, sendo compreendido como “o mal do espírito” ou, em nossas palavras, o desejo como falta. Assim, o sentimento de falta em torno do desejo implica a criação de um objeto, aliando-se a idealizações, sejam elas transcendência de um ideal, em que se inicia toda maldição do desejo – ou “o mal do espírito”, nas palavras de Artaud (2017f, p. 109). Pois uma vez que compreendido o desejo como “maldição” ou como uma falta que precisa ser preenchida, apegamo-nos a um ideal, fixamos, investimos o desejo em um determinado fim.

Diz o poeta: “Quem está menos advertido e menos consciente da força de sua libido malvada sofre mais com o mal do que aquele que nele coloca uma perversidade conhecedora” (ARTAUD, 2017e, p. 104). Ou seja, aquele que não percebe as amarras por trás da crença de uma “libido malvada” está mais suscetível a permanecer em um processo de encarceramento do que aquele que reinventa um fluxo desejante múltiplo, compreendendo-o não mais como falta, mas como produção, ou, nas palavras do autor, “uma perversidade conhecedora” (ARTAUD, 2017e, p. 104). Artaud inclusive insurgiu-se contra a psicanálise visando compreender o processo de normalização do desejo. No seu ponto de vista,

[...] esse doutor era um desertor do ser porque com tudo que, no fundo mais recuado de seu eu, ele tinha podido perceber desse espírito de encarnação e transubstanciação gloriosa ele quis, no mundo degenerado e inferior da terra dobrar nesse espírito de queda que pressiona a não ver a carne senão no

erotismo, no pecado. – É dessa forma que o ser é levado ao não-ser e que ele quis levar e fazer dessa degenerescência o princípio da universalidade (ARTAUD, 2017e, p. 108).

Com base nisso, o dramaturgo elabora seu plano de reconquista do corpo – um mergulho em um conjunto de práticas –, “nessa espécie de dolorosa imanência, nessa espécie de insondável imanência onde se trama nosso inconsciente” (ARTAUD, 2017e, p. 115). Um estilo de vida – o corpo sem órgãos – entendido aqui como um contraponto fundamental aos processos de encarceramento do corpo.

Em "À mesa", Artaud (1983d) afirma: “Não precisam chamar nossa atenção para as cadeias que nos prendem à petrificante imbecilidade do espírito. Descobrimos um bicho novo” (p. 27). E confronta: “Ainda mais que sei, sozinho, me fazer um corpo de outra forma mais habitável e vivível que essa carcaça de pitris dementes (ARTAUD, 2017d, p. 132).

Em sua última obra, talvez a que mais se aproxime da proposta do Teatro da Crueldade – a transmissão radiofônica do texto "Para acabar com o julgamento de Deus" –, Artaud (1983b) decide colocar o sujeito, “pela última vez, na mesa de autópsia para refazer sua anatomia”. Para ele, “o homem é enfermo porque é mal construído. É preciso desnudá-lo para raspar esse animalúnculo que o corrói mortalmente, deus e juntamente com deus os seus órgãos” (p. 161). Afirma que “não existe coisa mais inútil que um órgão. Quando tiverem conseguido um corpo sem órgãos então o terão libertado dos seus automatismos e devolvido sua verdadeira liberdade (p. 161). Dessa maneira Artaud finaliza seu manifesto raspando o que corrói e afasta o homem do seu corpo de potência – deus e, juntamente com ele, os seus órgãos.

O poeta atribui a deus e os seus órgãos a função de limitar, fixar, determinar e demarcar o corpo humano. Confere a deus a autoridade soberana, a influência exercida sobre os homens – o ideal de perfeição. Nesse sentido, o julgamento de deus estabelece uma verdade, um poder exercido e instituído sobre os homens. Vale ressaltar que o julgamento de deus é compreendido por Artaud como qualquer tentativa de controle sobre a vida, em todas as esferas, subjugando o corpo, tornando-o encarcerado.

Quando o autor menciona que “não existe coisa mais inútil que um órgão”, refere-se aos processos que capturam nosso desejo, submetendo-nos a uma função. Ou

seja, o corpo torna-se função, ou como discutimos anteriormente, uma capa ilusória – que usufrui do corpo e depois recompensa-o com prazer. Nesse sentido, o corpo humano passa a existir em uma relação de acomodação e reconforto – com conquistas que aparentam uma certa liberdade. Compreendemos, assim, que existe um assujeitamento do desejo que termina na redução física do corpo. Sob esse ponto de vista, o desejo passa a ser recompensado por essa nova forma de existir. E somente quando o homem conseguir criar para si um corpo sem órgãos, terá se libertado “dos seus automatismos” e reconquistado “sua verdadeira liberdade” (ARTAUD, 1983b, p. 161).

Os órgãos de deus estabelecem uma organização, na qual o objetivo é a sentença – a palavra final. O corpo vive subjugado a essa sentença. Sob esse ângulo, a crítica de Artaud se estende para as relações de poder em que se almejam a submissão e o controle das potencialidades do corpo.

O organismo é a máquina que coloca os órgãos em funcionamento. Artaud (1983k) observou que “repentinamente se transformavam em homens, ou seja, organismos abjetos” (p. 106). Por conseguinte, o organismo é o que ajeita, estabelece, ordena, alinha em torno de um modo de funcionamento estável. Podemos dizer que existe uma submissão física do corpo – ou seja, o desejo nos limites do corpo se encontra assujeitado à ideia de um corpo eficiente, dócil, bom, útil – onde se estabelece um acoplamento ao meio social. E foi essa organização do corpo que Artaud percebeu e contestou durante toda sua vida. Para ele, acabar com o julgamento de deus e seus órgãos é gritar não apenas à aparelhagem estatal e a todas as formas de dominação do corpo. Sua luta é contra órgãos e organismo, contra todo e quaisquer processos de sedimentação que visam estabelecer funções ao corpo, encarcerando suas potencialidades. Instaura-se não somente um *combate contra*, mas também um *combate entre* (DELEUZE, 1997).

O juízo de deus captura o corpo como potência ativa do homem e cria um outro corpo, “uma capa ilusória do outro” – reduzida, organizada, funcional, subjugada ao organismo (ARTAUD, 1988b, p. 108). Acabar com o julgamento de deus é fugir de tudo que encarcera o corpo – ou em suas palavras, “explodir” com essa capa ilusória – com a organização dos corpos (ARTAUD, 1988b, p. 108).

Diante disso, construir um corpo sem órgãos “não se trata de se esgotar todo em si mesmo, de um só golpe, sob o pretexto de se viver tudo, mas de descer ao fundo desse tudo e daí trazer o si mesmo, para chegar a esse cálculo de corpo” (ARTAUD, 2017e, p. 116). Ou seja, trata-se de percebê-lo por trás do corpo estratificado e alimentá-lo diariamente. No texto "A dança do Peiote" (1983k, p. 159) o poeta narra esse estado de percepção:

[...] e foi então que senti o obsceno
e que
soltei um peido
de saturação
e de excesso
e de revolta
pela minha sufocação.

Nesse sentido, sua produção não decorre apenas de um processo de desterritorialização e raspagem. Não há apenas o esvaziamento do corpo. Há um movimento concomitante de preenchê-lo e fazer circular as intensidades (DELEUZE & GUATTARI, 1996). Portanto há um movimento duplo e intensivo de desterritorialização e circulação das forças. Por isso o corpo sem órgãos é um corpo de potência, infinito em zonas intensivas. É um modo de existência, uma afirmação da vida. Não se trata de um corpo físico, mas de um corpo repleto em energia. E tampouco se trata da pulsão de morte, como alguns psicanalistas atualmente visam reduzir o fenômeno. Ao mesmo tempo em que está em nós, é preciso construí-lo, conquistá-lo, cultivá-lo todos os dias. Para isso, é necessário que o desejo esteja ligado ao que verdadeiramente nos potencializa.

Para Artaud (2006a), tal prática é “viver e acreditar no que nos faz viver e em que alguma coisa nos faz viver – e aquilo que sai do interior misterioso de nós mesmos não deve voltar sobre nós mesmos numa preocupação grosseiramente digestiva” (p. 2). Ou seja, o corpo precisa estar ligado a um campo de imanência de potência, onde ocorre um processo de composição entre distintos elementos, e conseqüentemente, um aumento da potência, uma elevação da capacidade de existir. É o ultrapassar de uma condição passional – que Artaud (2006a) chama de “preocupação grosseiramente

digestiva” –, para inserir-se em um estado de reverberar-se – acontecimento de si mesmo (p. 2).

Construir um corpo sem órgãos não tem nada a ver com colocar-se contra o poder, ou fora das relações de poder. Concerne a um modo de percepção, de se colocar no jogo e ao mesmo tempo passear entre o jogo – no entre das relações de poder, para, assim, ser possível propor novos movimentos. Mais especificamente, a proposta do poeta é a de perfurar os moldes, escorrer entre eles, fazer vazar um turbilhão intensivo, fugir da dominação e suscitar novas experiências.

Artaud (2004b) afirma que o pintor Van Gogh “soltou seus corvos” e “não se suicidou em um ataque de loucura, pela angústia de não chegar a encontrá-lo; ao contrário, acabava de encontrá-lo, e de descobrir o que era e quem era ele mesmo” (p. 136), e foi “quando a consciência geral da sociedade, para castigá-lo, por ter rompido as amarras, o suicidou” (ARTAUD, 2004b, p. 15). Isso quer dizer que o poeta acredita que Van Gogh havia criado para si um corpo sem órgãos, redescoberto os princípios ativos do corpo – seus pontos de intensidades. Afirma que “Van Gogh dedicava-se incansavelmente a uma dessas operações de alquimia sombria que vêem a natureza por objeto e o corpo humano por vasilhame ou crisol” (ARTAUD, 2004b, p. 28). Ele pontua: “Eu também estou como o pobre Van Gogh: deixei de pensar, mas dirijo, cada dia mais perto, formidáveis ebulições internas” (ARTAUD, 2004b, p. 29).

Artaud (2004b) acredita que, “debaixo da pele, o corpo é uma usina quente, e por fora, o enfermo brilha, reluz, por todos os seus poros, estalados, como uma paisagem de Van Gogh na metade do dia” (p. 51). Segundo seu olhar, o corpo sem órgãos está “além daquilo que a ciência jamais conseguirá alcançar, lá onde os feixes da razão se partem contra as nuvens”, neste lugar “existe esse labirinto, núcleo central para o qual convergem todas as forças do ser, as nervuras últimas do Espírito” (ARTAUD, 1983c, p. 28).

É preciso deixar claro que o corpo sem órgãos é um corpo sem estratos, um corpo de potência, que transpassam as forças, visando ao desencarceramento. Essas zonas intensivas são constitutivas do corpo, não existe falta a ser preenchida, existem estados intensivos, em que não se pretende chegar a um determinado fim. O fim não

existe, o que existe é um constante processo de construção/transformação do corpo. O poeta elucida esse processo de construção/transformação do corpo ao mencionar que perante essa

[...] manifestação tonante
dessa necessidade explosiva:
dilatar o corpo da minha noite interior,
do nada interior
do meu eu
que é noite,
nada,
irreflexão,
mas que é explosiva afirmação
de que há
alguma coisa
para dar lugar:
meu corpo (ARTAUD, 1983e, p. 156-157).

O dramaturgo acredita que é “preciso mais que coragem” para romper com o julgamento de deus, é “preciso apelar para as reservas de uma vontade verdadeiramente desesperada” (ARTAUD, 1983k, p. 101). Afirma que para romper com o poder constituído sob o corpo é preciso estar “preparado para todas as queimaduras”, estabelecer um lugar de experimentação e criação, onde será preciso esperar “os primeiros frutos da queimadura com vistas a uma combustão logo generalizada” (ARTAUD, 1983k, p. 108-109). Nesse sentido, o corpo sem órgãos surge como uma máquina destruidora do juízo de deus. Esquece-se o passado, dá-se um novo sentido ao desejo – antes compreendido como falta, agora compreendido como potência criadora de múltiplas realidades.

Para Artaud (2017b), “o corpo humano tem suficientes sóis, planetas, rios, vulcões, mares e marés para não precisar ir buscá-los na suposta natureza exterior e do outro” (p. 127). Por isso, criar para si um corpo sem órgãos é um processo que envolve os problemas enfrentados em cada atualidade.

A formação do nosso corpo ocorre alçada na história em que estamos inseridos, ou seja, o passado não é um determinante dotado de uma verdade absoluta, ao contrário, a constituição do corpo ocorre simultaneamente à construção da nossa história. Por isso, é possível experimentar fissuras, propor mudanças, criar novas realidades.

Não fazer concessões, eis a força do corpo sem órgãos. Perceber os processos de captura que separam a vida da sua potência e deslizar nos entres, confundi-los, espalhá-los. Artaud denuncia as capturas quase imperceptíveis em que estamos inseridos e revela a nossa cumplicidade com o poder estabelecido – com o julgamento de deus. Na perspectiva do poeta, a cumplicidade é uma das principais causas das nossas misérias e impotências diante da vida. Sua obra é repleta de relatos acerca do nosso descuido com as intensidades – que fixam a vida no corpo em meros estados de desejo. No entanto, sua proposta de criar um corpo sem órgãos lança-nos ao desconhecido, ao novo, rumo à deslegitimação do julgamento de deus. Diz ele: “Nada além da insurreição irredimível, ativa, enérgica, contra tudo aquilo que pretende ser, para sempre” (ARTAUD, 2017b, p. 145).

Considerações finais

Neste artigo buscamos cartografar os escritos de Antonin Artaud para investigar as máquinas que produziu e que se relacionam a uma revolta do corpo contra os estratos opressores sociais. Constatamos que para Artaud existem duas configurações do mesmo diagrama de forças que contribuem para o desencarceramento do corpo: um primeiro que abarca a ideia de crueldade, que visa ao rompimento com a organização dos corpos; um segundo que trata da criação de um Corpo sem Órgãos, que é uma permanente produção e busca por intensidades – uma revolta ativa contra os estratos que encarceram o corpo humano.

A crueldade fez-se sempre presente na obra artaudiana, ainda que de forma implícita. A temática é desenvolvida em diversos dos seus escritos como uma força que reivindica a vida. Nesse campo de forças, o dramaturgo convida-nos a renunciar qualquer modelo prévio que separe o homem da capacidade de criar sua própria realidade.

O combate é contra tudo que direciona o nosso corpo, estabelecendo formas de pensar, de sentir e perceber o mundo. A proposta é que comecemos a pensar a existência de forma singular, traçando linhas de intensidades. Nesse contexto, tudo no mundo é

crueidade, tudo que existe procura expandir-se, e nesse caótico jogo de forças, os processos de encarceramento são constrangidos, possibilitando novos fluxos e passagens.

A partir disso, compreendemos que construir um corpo sem órgãos não é colocar-se contra o poder ou estar alheio às relações de poder. Aproxima-se mais de um modo de percepção, um jogo de forças, no qual encontramos a possibilidade de experimentarmos novos movimentos. A proposta do poeta é que realizemos um combate real e eficaz de desconstrução de nós mesmos, de constante liberação dos processos de encarceramento. Para isso, nosso corpo precisa efetuar uma crítica real e profunda de nós mesmos, perfurando os moldes, escapando da dominação, para, então, suscitar novas experiências. No entanto, sua proposta de criar um corpo sem órgãos lança-nos ao desconhecido, ao novo, rumo à invalidação do julgamento de deus.

Sobre o artigo:
Recebido: 22/12/2020
Aceito: 07/07/2021

REFERÊNCIAS

- ARTAUD, Antonin. **Textos 1923-1946**. Trad. Hugo Acevedo. Buenos Aires, Argentina: Ediciones Caldén, 1972.
- _____. **Cartas desde Rodez**. 2. ed. Trad. Ramón Font. Madrid: Editorial Fundamentos, 1981.
- _____. **Mensajes revolucionarios**. 3. ed. Trad. Cristina Vizcaino. Madrid: Editorial Fundamentos, 1981.
- _____. **Escritos de Antonin Artaud**. Trad. Cláudio Willer. Porto Alegre: L&PM, 1983a.
- _____. Para acabar com o julgamento de deus. In: _____. **Escritos de Antonin Artaud**. Trad. Cláudio Willer. Porto Alegre: L&PM, 1983b.
- _____. Carta ao papa. In: _____. **Escritos de Antonin Artaud**. Trad. Cláudio Willer. Porto Alegre: L&PM, 1983c.
- _____. À mesa. In: _____. **Escritos de Antonin Artaud**. Trad. Cláudio Willer. Porto Alegre: L&PM, 1983d.
- _____. A questão que se coloca. In: _____. **Escritos de Antonin Artaud**. Trad. Cláudio Willer. Porto Alegre: L&PM, 1983e.
- _____. Manifestos e cartas do período surrealista. In: _____. **Escritos de Antonin Artaud**. Trad. Cláudio Wille. Porto Alegre: L&PM, 1983f.
- _____. Suicídio é uma solução? In: _____. **Escritos de Antonin Artaud**. Trad. Cláudio Willer. Porto Alegre: L&PM, 1983g.
- _____. Heliogábalo ou o Anarquista Coroado. In: _____. **Escritos de Antonin Artaud**. Trad. Cláudio Willer. Porto Alegre: L&PM, 1983h.
- _____. O teatro e a crueldade. In: _____. **Escritos de Antonin Artaud**. Trad. Cláudio Willer. Porto Alegre: L&PM, 1983i.
- _____. Cartas de Rodez: para Henri Parisot. In: _____. **Escritos de Antonin Artaud**. Trad. Cláudio Willer. Porto Alegre: L&PM, 1983j.
- _____. A dança do Peiote. In: _____. **Escritos de Antonin Artaud**. Trad. Cláudio Willer. Porto Alegre: L&PM, 1983k.

- _____. **Os Tarahumaras**. Trad. Aníbal Fernandes. Lisboa: Relógio d'Água, 1985.
- _____. **Os escritos de Antonin Artaud**. Trad. Claudio Willer. Porto Alegre, RS: L&PM, 1986.
- _____. **A arte e a morte**. Trad. Aníbal Fernandes. Lisboa: Livreiros Editores e Distribuidores, 1987.
- _____. O teatro de Séraphin. In: _____. **Eu, Antonin Artaud**. Trad. Aníbal Fernandes. Lisboa: Hiena, 1988a.
- _____. O homem-árvore: carta a Pierre Loeb. In: _____. **Eu, Antonin Artaud**. Trad. Aníbal Fernandes. Lisboa: Hiena, 1988b.
- _____. **Heliogabalo ou O anarquista coroado**. Trad. Mário Cesariny. Lisboa: Assírio & Alvim, 1991.
- _____. **Os sentimentos atrasam**. Trad. Ernesto Sampaio. Lisboa: Hiena, 1993a.
- _____. Vida e morte de Satã o Fogo. In: _____. **Os sentimentos atrasam**. Trad. Ernesto Sampaio. Lisboa: Hiena, 1993b.
- _____. **Van Gogh: o suicidado da sociedade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 2004a.
- _____. **Van Gogh: o suicidado da sociedade**. Trad. Aníbal Fernandes. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004b.
- _____. **O teatro e seu duplo**. Trad. Teixeira Coelho. São Paulo: Martins Fontes, 2006a.
- _____. Para acabar com as obras-primas. In: _____. **O teatro e seu duplo**. Trad. Teixeira Coelho. São Paulo: Martins Fontes, 2006b.
- _____. O teatro e a crueldade. In: _____. **O teatro e seu duplo**. Trad. Teixeira Coelho. São Paulo: Martins Fontes, 2006c.
- _____. Encenação e metafísica. In: _____. **O teatro e seu duplo**. Trad. Teixeira Coelho. São Paulo: Martins Fontes, 2006d.
- _____. Cartas sobre a linguagem. In: _____. **O teatro e seu duplo**. Trad. Teixeira Coelho. São Paulo: Martins Fontes, 2006e.
- _____. Cartas sobre a crueldade. In: _____. **O teatro e seu duplo**. Trad. Teixeira Coelho. São Paulo: Martins Fontes, 2006f.

_____. Um atletismo afetivo. In: _____. **O teatro e seu duplo**. Trad. Teixeira Coelho. São Paulo: Martins Fontes, 2006g.

_____. **Linguagem e vida**. Trad. J. Guinsburg, Sílvia Fernandes, Regina Correa Rocha e Maria Lúcia Pereira. São Paulo: Perspectiva, 2014.

_____. **A perda de si**. Ana Kiffer e Mariana Patrício Fernandes. 1 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2017a.

_____. Cartas a Hans Archtung. In: _____. **A perda de si**. Trad. Ana Kiffer e Mariana Patrício Fernandes. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2017b.

_____. Cartas em torno da emissão radiofônica “Para acabar com o julgamento de deus”: a Wladimir Porché. In: _____. **A perda de si**. Trad. Ana Kiffer e Mariana Patrício Fernandes. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2017c.

_____. Cinco cartas a André Breton. In: _____. **A perda de si**. Trad. Ana Kiffer e Mariana Patrício Fernandes. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2017d.

_____. Cartas ao doutor Jean Dequeker: a Jean Paulhan. In: _____. **A perda de si**. Trad. Ana Kiffer e Mariana Patrício Fernandes. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2017e.

_____. Ao doutor Jean Dequeker. In: _____. **A perda de si**. Trad. Ana Kiffer e Mariana Patrício Fernandes. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2017f.

BAREMBLITT, Gregorio. **Esquizodrama: 10 proposições descartáveis**. Belo Horizonte: Ed. Instituto Gregorio Baremlitt, 2019.

BAREMBLITT, Gregorio; AMORIM, Margarete & HUR, Domenico. **Esquizodrama: teoria, métodos, técnicas - clínicas**. Belo Horizonte: Ed. Instituto Gregorio Baremlitt, 2020.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Trad. Claudia Sant’Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. **Crítica e Clínica**. (Peter Pál Pelbart. Trad.). São Paulo: Ed. 34, 1997.

_____. **Diferença e Repetição**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

_____. **Lógica do sentido**. (Luiz Roberto Salinas Fortes. Trad.). São Paulo: Perspectiva, 2011.

DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia 3**. (Aurélio Guerra Neto. Trad.). São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** (Ana Lúcia de Oliveira; Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Trad.). v. 1. São Paulo: Ed. 34, 2011.

_____. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1.** (Luiz B. L. Orlandi. Trad.). 2 ed. São Paulo: Ed. 34, 2011.

HUR, Domenico. U. **Axiomática do capital e instituições: abstratas, concretas e imateriais.** Polis e Psique, v. 5, n. 3, p. 56-178, 2015. Recuperado de: <http://seer.ufrgs.br/index.php/PolisePsique/article/view/58450>.

_____. **Psicologia, política e esquizoanálise.** Campinas, Alínea, 2018.

SOARES, Flávia.; HUR, Domenico. U. **O corpo encarcerado na obra de Antonin Artaud.** Mnemosine, v. 13, n. 1, 2017. Recuperado de: <http://www.mnemosine.com.br/estatico/numeros/2017-1/02.pdf>.